

# FELICIDADE no fim do ARCO-ÍRIS

Em pleno século XXI, a discussão em torno da homossexualidade ainda é permeada de preconceitos e falsos moralismos. Há até quem defenda a “cura gay”. O que está por detrás dessa polêmica?

Por Kelli Gomes

A homossexualidade saiu do armário. Quem antes estava restrito a grupos fechados, discretos e, por que não, secretos, hoje anda de mãos dadas pelas ruas, vai em passeatas lutar por seus direitos e se apresenta na mídia sem pudores ou temores. Será? Antes fosse. Muito se fala e se argumenta em favor da homossexualidade, mas ainda há uma triste realidade de preconceito no mundo. É bom que se deixe claro: falar de homossexualismo não é cair em modismo. Fatos históricos comprovam que, antes mesmo da era cristã, havia relação entre seres humanos do mesmo sexo.

Do passado histórico aos tempos atuais, muitos progressos quanto à não discriminação aos homossexuais foram concedidos, com leis mais severas contra a homofobia e preconceito por parte da população.

Mas arestas ainda estão sendo aparadas. Recentemente, no Brasil, o deputado João Campos (PSDB-GO) colocou em plenário o projeto de Decreto Legislativo nº 234/2011, que pretende sustar a aplicação de dois dispositivos da Resolução 1/99, do Conselho Federal de Psicologia, que orienta os profissionais da área. O primeiro deles diz que “os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade”. O segundo determina que “os psicólogos não se pronunciem publicamente de modo a reforçar os preconceitos em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica”.

Para o Conselho Federal de Psicologia (CFP), esse projeto exorbita

a função do Parlamento, já que não constitui do Executivo federal, e sim de uma autarquia profissional, colocando como inadequada, juridicamente, a suspensão dos dispositivos. “A resolução do CFP existe com o objetivo de apenas preservar a boa prática profissional e preservar os direitos humanos para a livre manifestação sexual”, esclarece Clara Goldman, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia.

O deputado Roberto Lucena (PV-SP), relator da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara, que deu parecer favorável à revogação dos dispositivos do CFP, é categórico ao dizer sua opinião: “Votei a favor do decreto-lei porque entendo que o psicólogo precisa ter a liberdade para

Kelli Gomes é jornalista e colabora nesta edição.

## Homossexualidade na História

Para os povos antigos, a definição de homossexualidade não existia. As tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, no oceano Pacífico, há cerca de dez mil anos, praticavam o homossexualismo como uma forma de ritual. E como já foi amplamente contado, na Grécia e na Roma Antiga, relações sexuais entre homens mais velhos e jovens do mesmo sexo eram uma prática cotidiana. A pederastia era encarada como um sentimento puro. No entanto, se a ordem fosse subvertida e um homem mais velho mantivesse relações sexuais com outro, estava estabelecida sua desgraça – os adultos passivos eram encarados com desprezo por toda a sociedade, a ponto de o sujeito ser impedido de exercer cargos públicos.

Boa parte das relações amorosas dos povos na Antiguidade pode ser entendida se levarmos em conta as suas crenças. Na Mitologia grega, romana ou entre os deuses hindus e babilônios, por exemplo, a homossexualidade existia. Muitos deuses antigos não têm sexo definido. O popularíssimo hindu Ganesh, da fortuna, teria nascido de uma relação entre duas divindades femininas. Não é nada difícil perceber que, na Antiguidade, o sexo não tinha como objetivo exclusivo a procriação. Isso começou a mudar, porém, com o advento do Cristianismo.

Chegando aos dias atuais, mais exatamente em 1989, a Dinamarca foi o primeiro país a aprovar o registro de união civil a casais homossexuais, abrigando-os na mesma lei que define direitos ao parceiro de união heterossexual. Mas, mesmo com o passar de tantos anos, as discussões em torno da homossexualidade ainda geram grande polêmica.



A "parada gay" é um evento de grande visibilidade que, além da mensagem de paz, pretende mobilizar a população a favor da criminalidade da homofobia e alertar autoridades para o fato de que somente 10% dos municípios brasileiros têm políticas públicas voltadas para homossexuais

## Do passado histórico aos tempos atuais, muitos progressos quanto à não discriminação aos homossexuais foram concedidos

atender pessoas com transtornos resultantes de desequilíbrios interiores em decorrência de dúvida ou de rejeição da sua homossexualidade", discursava. O deputado também se diz preocupado quanto à não liberdade desses profissionais de se manifestarem em eventos públicos ou em veículos de comunicação quanto aos casos de orientação sexual egodistônica. "Isso vai contra a liberdade de expressão", diz.

Para o CFP, nenhum profissional de Psicologia, seguindo essas resoluções, deve contribuir para qualquer ato que suscite preconceito de orientação homoafetiva em veículos de massa. "Expor na mídia esses tratamentos de reversão como 'cura homossexual' é um grande erro, pois já foi amplamente exposto que o homossexualismo não é uma doença", afirma Goldman.

Do ponto de vista do órgão que representa os psicólogos brasileiros, há homossexuais que procuram a cura em tratamentos, isso ocorre por conta de preconceito, rejeição e discriminação que sofrem na sociedade. E não por conta da condição de homossexual que deveria ser entendida e respeitada.

### Mídia e sociedade

Para alguns profissionais, a mídia não trata esse assunto com a profundidade que merece, principalmente quando se trata da homossexualidade entre adolescentes – fato em que a identidade sexual é um processo complexo e multifatorial ainda

mal definido. Nessa época, especialistas sugerem que adolescentes podem passar por experiências homossexuais sem que isso represente um desvio a uma posição definitiva de sua identidade – razão pela qual os veículos deveriam ter um cuidado redobrado com esse público.

Ademais, os meios de comunicação exploram as paixões primárias, podendo ser utilizados como poderosos instrumentos de opressão simbólica. Bourdieu (1998) já afirmava: “A televisão [e demais meios eletrônicos] pode fazer ver e fazer acreditar aquilo que ela faz ver. Este poder de evocação tem um efeito mobilizador”. Assim sendo, a mídia é capaz de fazer gerar debates verdadeiramente falsos ou falsamente verdadeiros.

Aceitar as diferenças e entender que existem várias maneiras de amar e, portanto, diferentes variáveis sexuais, deveriam ser conceitos já incorporados pelas sociedades atuais civilizadas. Mas, em pleno século XXI, a homossexualidade ainda é tratada como um



A homossexualidade entre adolescentes deveria ser tratada pela mídia com cuidado redobrado, uma vez que essa é uma fase em que a identidade sexual é um processo complexo e multifatorial ainda mal definido

## A resolução do CFP existe com o objetivo de apenas preservar a boa prática profissional e preservar os direitos humanos

transtorno ou algo imoral. Faz pouco tempo que uma novela brasileira foi alvo de críticas ao ameaçar deixar ir ao ar o primeiro beijo gay. Também causou polêmica a aprovação do projeto de lei que permite, no Brasil, a união estável entre casais homossexuais e a possibilidade da conversão dessa união em casamento civil. É emblemático o caso de uma psicóloga que, em 2007, se posicionou favorável à “cura homossexual”. Rozangela Alves Justino, especializada em Psicologia Clínica e Educacional, pós-graduada em Psicodrama e Psicopedagogia, afirmou, publicamente, ser a homossexualidade um transtorno para o qual oferecia terapia e cura.

Na ocasião, o posicionamento da especialista causou desconforto ao CFP, que promoveu uma censura pública, anteriormente imposta pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, afirmando que a conduta da psicóloga contrariava a determinação

da Organização Mundial da Saúde e a própria Resolução CFP, já mencionada nesta matéria, que excluem a tipificação e patologia à homossexualidade. Procurada pela revista *Psique* para essa matéria, ela não retornou os nossos e-mails até o fechamento desta edição.

A polêmica em torno da “cura homossexual”, porém, não foi esquecida. Recentemente, o jornal norte-americano *The New York Times* publicou uma matéria polêmica sobre o tema. Na reportagem, o jornal informa que a indústria de “terapia reparadora” atraiu milhares de adolescentes e adultos que esperavam se livrar de desejos homossexuais, seja por motivos de crença religiosa ou por pressão familiar. Mas uma série de relatos mostrou que a terapia pode, nas palavras da Associação Psiquiátrica Americana, causar “depressão, ansiedade e comportamento autodestrutivo” e “reforçar o ódio de si mesmo que o paciente já possui”.

Para Adriane Branco, psicóloga



### • Primeiro beijo gay no cinema •

Até onde se sabe, o primeiro beijo entre pessoas do mesmo sexo na história do cinema foi em 1927, no filme *Wings* (Asas), primeiro filme mudo a ganhar o Oscar de Melhor Filme. Os atores Buddy Rogers e Richard Arlen são os astros e interpretaram dois pilotos de combate que disputam a afeição de uma mesma mulher (Clara Bow). Mas, segundo o próprio escritor Kevin Sessums explicou “nenhum dos dois mostra tanto amor por ela... como demonstra um pelo outro.” O beijo é bastante tímido, mas causou impacto.

## O caso polêmico da "cura gay"

Em entrevista à revista *Veja*, em 2009, a psicóloga Rozangela Alves Justino disse ter ouvido um chamado divino, num disco de Chico Buarque, e desde então procurava, segundo ela, ajudar aos que se sentiam mal consigo mesmo por conta de sua opção sexual. Rozangela ainda relatou na matéria que nunca via esse tipo de transtorno de uma forma isolada. Segundo ela, muitos de seus pacientes teriam relatos de transtornos obsessivos-compulsivos ou algum transtorno de preferência sexual, como o sadomasoquismo. Na entrevista, ela também mencionou que a própria pedofilia, voyeurismo e exibicionismo poderiam vir atrelados ao homossexualismo.

O tratamento de cura da homossexualidade, segundo ela, consiste na utilização de técnicas de psicodrama e, embora o método tenha ajudado muitos pacientes, não soube, na ocasião, dizer quantos, nem se retornaram à heterossexualidade.

Em acato à decisão do CFP, a psicóloga comunicou publicamente, naquele mesmo ano, que não mais ofereceria terapia para pessoas que desejassem deixar a homossexualidade.

No entanto, seu blog <http://rozangelajustino.blogspot.com.br/> continua sendo atualizado e seu posicionamento sobre a questão é claro. Para ela, a defesa da homossexualidade, em nome dos direitos sexuais, seria uma violência sem igual contra a humanidade.

No *post* de 3 de dezembro de 2012, por exemplo, ela defende a aprovação do PDC 234/2011 e questiona a decisão dos juizes que lhe impuseram censura pública por apoiar as pessoas que, voluntariamente, desejavam deixar a atração pelo mesmo sexo.

clínica, especialista em Sexualidade Humana, toda essa discussão sobre "cura homossexual" não faz sentido nos dias atuais. Segundo ela, a homossexualidade, assim como as outras opções sexuais, tem a ver com a maneira como cada pessoa se expressa sexualmente. É apenas uma orientação sexual, e não uma doença ou algo que o ser humano escolhe. "Para mim, qualquer tratamento que diz curar homossexuais é infundado, já que nenhum profissional tem ferramentas para mudar a orientação sexual de uma pessoa. Nossa atribuição profissional é promover o bem-estar humano", afirma Adriane.

O conceito de que a culpa leva pacientes homossexuais às cadeiras de psicólogo também pode ser generalis-

Na visão de alguns profissionais, o conceito de que a culpa leva pacientes homossexuais às cadeiras de psicólogo pode ser generalista

ta, na opinião da psicóloga. Para ela, são muitas as variáveis possíveis para levar um homossexual a questionar a sua identidade. "Conceitos, crenças sociais e a religiosidade que tem por base o preconceito ao cidadão podem levar o indivíduo ao sofrimento e não somente à culpa", afirma.

### Na pele

Fabiana (o nome foi alterado a pedido da entrevistada) começou a perceber a sua atração por outra mulher na adolescência, embora suas relações anteriores tivessem sido hetero. O interesse surgiu de uma amizade que se transformou em atração. "Ninguém me seduziu. Apenas aconteceu", disse.



Causou polêmica a aprovação do projeto de lei que permite, no Brasil, a união estável entre casais homossexuais

## Psique entrevista o deputado Roberto de Lucena

**QUAIS SÃO OS MOTIVOS PELOS QUAIS O SENHOR APOIA O PROJETO DO DEPUTADO JOÃO CAMPOS QUE SUSTA OS DISPOSITIVOS DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA?**  
Basicamente porque está em questão a possibilidade de o psicólogo prestar assistência às pessoas que sofram com eventuais transtornos decorrentes de sua orientação sexual egodistônica, bem como o direito dessas pessoas de receberem assistência. Além disso, o impedimento à livre manifestação desses profissionais em eventos públicos ou veículos de comunicação de massa precisa ser mais profundamente discutido.

**O SENHOR ACHA QUE UM HOMOSSEXUAL PODE MUDAR SUA OPÇÃO SEXUAL SEGUINDO UM TRATAMENTO PSICOLÓGICO?**

Se for uma "opção" sexual, provavelmente possa. Mas, na verdade, não é essa a questão. O PDC não propõe tratamentos para a cura da homossexualidade, até porque, definitivamente, não estamos falando de uma doença. Ele propõe que aquela ou aquele que buscarem assistência profissional para pacificar eventuais conflitos possam recebê-la. E se essa pessoa que busca esse tipo de assistência, espontaneamente e voluntariamente, desejar alinhar a sua orientação sexual com a sua opção sexual deve ter o direito de fazê-lo e receber ajuda.

Em nenhum momento o autor, ou esse relator ou o próprio PDC 234/11 colocaram a homossexualidade como doença. E acredito que, a opção sexual de cada um deva ser totalmente levada em conta. E isso o PDC faz! Ele respeita a decisão de um homossexual, por exemplo, que fez outra opção - a de relacionar-se com o sexo oposto, assim como respeita a opção daqueles que sentem-se confortáveis relacionando-se com o mesmo sexo.

## Aceitar as diferenças e entender que existem várias maneiras de amar deveriam ser conceitos já incorporados pelas sociedades atuais civilizadas

Aceitar o processo, isso sim, foi mais complicado. "Entre em parafuso, não havia sido educada para ter a mente aberta e achar que aquilo tudo que estava acontecendo comigo era normal", recorda. "A perspectiva dos meus pais era de que eu me casasse e tivesse filhos."

Apesar das muitas interrogações em sua mente, Fabiana não contou o que havia acontecido para ninguém. "Tive uma crise de identidade e um medo enorme de magoar as pessoas que tanto amava. Não procurei ajuda profissional, amigos ou alguém para

desabafar. Preferi resolver o que estava acontecendo comigo mesma antes de contar para alguém", explica.

Foi então que Fabiana passou a conhecer pessoas que eram como ela: com as mesmas condições socioeconômicas e mesmo valores morais. "Tudo muito diferente das coisas horroscas que costumavam mostrar na televisão, onde todos os homossexuais eram promíscuos, tinham aids e eram paupérrimos", conta Fabiana.

Cinco anos se passaram desde o primeiro beijo homossexual até a mãe descobrir sua história. "Os questiona-



Nos EUA, a "terapia reparadora" atraiu milhares de adolescentes e adultos que esperavam se livrar de desejos homossexuais, seja por motivos religiosos ou pressão familiar

mentos foram inevitáveis. Minha mãe perguntava o que estava acontecendo: eu era normal, bonita, feminina, ela dizia. Podia buscar um tratamento psicológico", relembra. "Hoje eu entendo a postura da minha mãe e encaro isso como um gesto de desespero. Foi uma luta fazê-la entender que eu me sinto bem desse jeito. E que um relacionamento com um homem me faria infeliz pelo resto da vida. Ouvir da minha mãe, tempos depois e após muita conversa, que ela me amava do jeito que eu sou foi a coisa mais importante que ouvi na vida e, sem dúvida, melhor do que qualquer terapia", garante Fabiana.

"Falar de 'cura homossexual' é um absurdo. Nunca me senti doente. Ademais, quem, em sã consciência, optaria por viver um relacionamento que não pode ser exposto, e que é julgado a todo momento? A pessoa não escolhe ser homossexual, escolhe somente ser feliz", finaliza.

### REFERÊNCIAS

Livro *Aventuras na História*, Editora Abril.